

# Daso acha que Centrão só vai aparecer dia 6

O Centrão não acredita que haja número no dia 4 de janeiro para votação das suas propostas de alteração regimental ou de iniciativas de outros grupos de constituintes. Só no dia 6 haverá quorum para votação, segundo conclusão a que chegou o deputado Daso Coimbra (PMDB-RJ), coordenador daquele grupo, depois de ter contactado com quase 200 deputados.

Daso Coimbra afirma que o Centrão não se acha mais disposto a participar de novas reuniões com as lideranças de outros grupos, principalmente de esquerda. "Vamos votar as mudanças regimentais que consideramos necessárias. Veremos quem tem farinha no saço", disse o parlamentar fluminense.

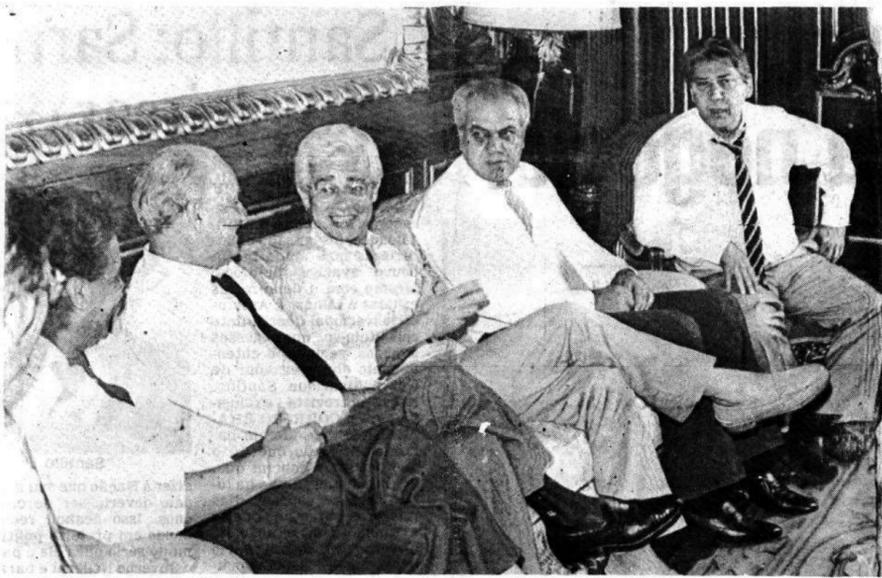
— Essas mensagens têm um sentido subliminar por que lembram a todos os companheiros suas obrigações com nosso movimento — disse Daso.

O parlamentar negou que o grupo esteja se esvaziando de membros que se mostram preocupados com a imagem negativa. Segundo ele, houve no início das votações 25 defeções e, agora, mais cinco, dos deputados Adilson Mota (PDS-RS), Victor Faccioni (PDS-RS), Ismael Wanderley (PMDB-RN), genro do ministro Aluizio Alves), Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN) filho do ministro Aluizio Alves) e Atila Lyra (PFL-PI).

— Assim, o grupo ainda está com 311 constituintes, muito mais do que o necessário para promover as modificações que consideramos indispensáveis no texto do projeto Bernardo Cabral — disse Daso.

Depois de lembrar que a posição de centro é um estado de espírito dominante em amplas áreas da Constituinte, Daso lembrou que o seu grupo tem pontos de vistas coincidentes com o Grupo dos 32 e com o Centrão, que vem de se beneficiar com as adesões de antigos membros do Centrão a suas hostes.

Ele e outros dos seus companheiros, como Bonifácio de Andrada (PDS-MG) e José Lins (PFL-CE), ambos coordenadores do Centrão, estão estabelecendo entendimentos com o senador Virgílio Távora e a deputada Sandra Cavalcanti para identificar alguns pontos da futura Constituição sobre os quais ambas as facções têm posição semelhante.



Os "cardeais" do PMDB reunidos: Fernando Henrique, Montoro, Moreira Franco, Richa e Covas

# Históricos decidem não romper já com Governo



Sant'Anna: Ulysses é imbatível

Salvador — Só há um jeito de os senadores Mário Covas e Fernando Henrique Cardoso, governador Orestes Quéricia, ex-governador Franco Montoro e outros presidenciais do PMDB conseguirem a candidatura: saindo do partido. A avaliação foi feita ontem pelo líder do governo na Assembleia Nacional Constituinte, deputado Carlos Sant'Anna (PMDB-BA), para o qual não haverá lugar para qualquer um desses candidatos no PMDB.

— Se eles forem para uma convenção jamais conseguirão derrotar o deputado Ulysses Guimarães, que é imbatível dentro do partido. Eles só poderiam ter uma chance se o Ulysses desistisse, o que acredito nunca ocorrerá. Portanto, qualquer outro presidencial do PMDB terá que sair do partido se quiser a candidatura à Presidência da República — comentou.

Na opinião de Sant'Anna, os muitos presidenciais estão ficando "engasgados" com as suas pretensões, pois cada vez mais está difícil a realização de eleições presidenciais em 88 — e eles sabem que a vez deles é agora". Dentro desse quadro, o deputado acha que a reunião dos chamados peemedebistas autênticos no próximo dia 9, em Brasília, para reafirmar os compromissos históricos do partido, contribuirá francamente para a desunião dentro do PMDB.

Referindo-se às tentativas de entendimento entre os vários grupos formados na Constituinte, ele manifestou a confiança de que se chegará a um consenso, pelo menos sobre alguns tópicos, como, por exemplo, a estabilidade no emprego. Outros, como os relacionamentos com a legislação de greve e a imissão imediata na posse das terras desapropriadas para reforma agrária só serão decididas na votação, segundo acredita.

Rio — O grupo de cardeais do PMDB que se reuniu ontem no Palácio Laranjeiras (residência oficial do governador fluminense Moreira Franco) com o objetivo de alinhar posições comuns para a reunião do dia 9 de janeiro — decidiu abortar qualquer tentativa de rompimento imediato do partido com o presidente José Sarney e em consequência diluir a proposta da convocação de uma convenção nacional antes da promulgação da nova Constituição. A idéia alimentada pelos peemedebistas "históricos".

Mas Sarney não saiu ileso do encontro articulado pelo senador José Richa, de posições moderadas. Este parlamentar destacou que quem está criando uma situação "de rompimento" é o Planalto, observando que o Bresser Pereira caiu sob censura da proposta mais positiva do pacote fiscal: "A taxação do capital, um mecanismo de igualdade de tratamento tributário para o capital e o trabalho".

— O Governo deve alinhar-se com o PMDB — advertiu Richa — mas rompimento agora não —, completou.

O governador Moreira Franco foi mais explícito. Condição o apoio do partido ao Governo Federal à política econômica a ser adotada. Ou seja: o PMDB, que abriu mão de indicar o substituto de Bresser, viverá à expectativa de seu sucessor, para definir uma postura mais clara em relação a Sarney.

Além de Moreira Franco e José Richa, almoçaram no Laranjeiras para um encontro de três horas os senadores Fernando Henrique Cardoso, Mário Covas,

o deputado Euclides Scalco, e o ex-governador Franco Montoro. O governador Waldir Pires, com presença prevista, não pôde comparecer. As posições assumidas na reunião serão passadas aos governadores Miguel Arraes, Tasso Jereissati, Pedro Simon, Orestes Quéricia e Newton Cardoso. A idéia é formar uma opinião entre parlamentares e governadores do PMDB contra o rompimento com o Planalto e a convocação de convenção do partido antes do final da Constituinte.

José Richa e Moreira Franco sintetizaram, em rápida coletiva após a reunião, as principais decisões do encontro: esforço concentrado para manter a unidade do partido neste momento quando a disputa política interna se acirra; apressar os trabalhos da Constituinte; considerar as eleições no próximo ano como um dado concreto; deflagrar um processo de discussão em torno da sucessão de Sarney no interior do partido tendo, a princípio, como referência, a elaboração de um programa mínimo; deixar claro ao presidente José Sarney que a hipótese de um rompimento com o Planalto já foi colocada dentro do partido; afastar a idéia da criação de uma outra legenda como alternativa diante da disputa de forças com os peemedebistas engajados no "Centrão".

"Não existem históricos versus não-históricos. Existe um partido atuando na Constituinte", insistiu o senador José Richa, "continuo no PMDB. Existem entre 170 a 180 parlamentares votando dentro do programa do partido", enfatizou o senador Mário Covas.

"A crise no partido deve ser encarada como natural no final deste processo de transição, quando devemos mesmo discutir o nosso futuro", arrematou o governador Moreira Franco.

De fato, se for tomado como referência o discurso das lideranças peemedebistas que participaram do almoço de ontem no Palácio Laranjeiras, o PMDB não é um partido na iminência de uma divisão. Mas uma legenda que passa por uma natural reacomodação de forças na atribulada conjuntura que o País atravessa.

Richa, Montoro, Moreira Franco, Scalco, Covas e Fernando Henrique Cardoso trazem uma certeza: as eleições em 88 são irreversíveis. Dá a necessidade de manter unida a legenda, com a sua poderosa estrutura para a disputa da sucessão presidencial. O senador Fernando Henrique, por exemplo, defende que a discussão sobre a sucessão e a campanha presidencial comece logo.

— O candidato deve encarnar o programa de reformas econômicas e sociais do PMDB — disse, com singela obviedade, o senador. "E achamos que a discussão em torno do nome deve passar por São Paulo". Os demais paulistas Montoro e Covas, presentes à reunião, concordaram.

E mais: acham que a convocação do partido, convocada no momento oportuno (leia-se depois da promulgação da Constituição) não será um espaço para "rachas". No máximo um mecanismo de decantação natural onde os que não se afinarem com o programa, buscarão outros caminhos.

## CONVOCAÇÃO

Informa o deputado fluminense que já enviou três telegramas convocando seus companheiros do Centrão para estarem em Brasília no dia 4 de janeiro, mas já teve oportunidade de verificar, em contato telefônico com vários deles, que a maioria só estará de volta à capital no dia 6, quando haverá quorum para votação.

Daso estava enviando, ontem, o terceiro telegrama, segundo ele, aos 311 parlamentares do Centrão. Ele conseguiu transmitir por telefone uma mensagem gravada desejando boas festas natalinas a 187 constituintes centristas. Prepara-se, agora, para transmitir uma mensagem desejando bom ano novo aos constituintes do grupo que não receberam a mensagem natalina.

## "Ludibriado", Ulysses desiste de acordos

O presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, confessou a pessoas de sua intimidade que se sentiu "ludibriado" pelos líderes partidários, a quem acusou de provocarem o impasse na votação da modificação no Regimento Interno. Por isso, Ulysses não pretende mais promover reuniões das lideranças para tentar fechar acordo sobre a reforma do Regimento.

O Deputado regressará dia 3 de Nova Iorque, onde foi passar o fim de ano, quando terá uma conversa, em São Paulo, com o governador Orestes Quéricia. No dia 4, em Brasília, Ulysses Guimarães reabrirá, às 16 horas, os trabalhos da Constituinte, em recesso desde o dia 18 passado.

A votação do novo texto do Regimento Interno depende da presença em plenário de 280 constituintes — maioria absoluta. A aprovação está condicionada ao voto da maioria simples dos presentes.

sões sobre as alterações do Regimento.

O Deputado regressará dia 3 de Nova Iorque, onde foi passar o fim de ano, quando terá uma conversa, em São Paulo, com o governador Orestes Quéricia. No dia 4, em Brasília, Ulysses Guimarães reabrirá, às 16 horas, os trabalhos da Constituinte, em recesso desde o dia 18 passado.

A votação do novo texto do Regimento Interno depende da presença em plenário de 280 constituintes — maioria absoluta. A aprovação está condicionada ao voto da maioria simples dos presentes.

## Centrão não define mandato, diz líder

O líder do PFL na Constituinte, deputado José Lourenço (BA), afirmou ontem que o Centrão não tem qualquer comprometimento com a aprovação do mandato de cinco anos para o presidente José Sarney e vem em relação ao sistema de governo.

Lourenço está convencido de que o período do mandato do presidente José Sarney dependerá da taxa inflacionária. Se ela continuar nos níveis atuais ou for maior será difícil impedir as eleições no próximo ano, tese partilhada também pelo presidente do Senado, Humberto Lucena (PMDB-PB).

O posicionamento do Centrão segundo Lourenço, é apenas de natureza político-ideológica. Não há subordinação ou vinculação ao Palácio do Planalto, nem a preocupação do grupo, como um todo, está em apoiar o governo Sarney. Naturalmente que há parlamentares favoráveis ao mandato de cinco anos e ao presidencialismo, teses que defende, mas existem opiniões divergentes.

Apesar de lutar pelos cinco anos, reconhece Lourenço que tudo dependerá do

quadro econômico. As perspectivas não são boas, mas confia em que o presidente José Sarney e o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, consigam diminuir a inflação. Se isso não for obtido ficará muito difícil a aprovação dos cinco anos pela Constituinte em consequência da pressão popular.

A hipótese do presidente da República aceitar um regime misto — presidencialismo mitigado — está realmente nas cogitações do Governo. Há tempos o Presidente lhe falou em uma fórmula que lhe permitisse indicar o primeiro-ministro, mas ele achou que não seria conveniente tratar do tema. Essa é, no entanto, uma hipótese que dependerá dos acontecimentos políticos.

O presidente do Senado, Humberto Lucena, não acredita nas eleições do próximo ano e nem as acha convenientes. Observa que não haverá tempo para aprovação da legislação complementar, realização das convenções e da própria campanha presidencial. O melhor seria que as eleições fossem para 1989.

## Deputado quer adiar eleição

As eleições municipais, marcadas inicialmente para novembro de 88, correm o risco de serem adiadas por mais um ano. Essa pelo menos é a intenção do deputado Gilson Machado (PFL-PE), e um dos coordenadores do Centrão, que já está colhendo assinaturas para apresentar emenda neste sentido. A notícia foi dada ontem por um deputado do Centrão e, segundo ele, outros deputados do grupo também estão empenhados no adiamento das eleições, "embora o Centrão não apóie a iniciativa".

O grupo segundo o Deputado, não se posiciona e

nem vai se posicionar sobre mandato presidencial e, portanto não tem interesse em adiamento das eleições presidenciais e muito menos municipais. Ele, no entanto, teme que, caso passe a emenda que garante os cinco anos para o presidente Sarney, se torne muito provável o adiamento das eleições municipais, a fim de que haja uma coincidência. Isso inclusive — disse ele — facilitaria o trabalho da maioria dos constituintes, que no momento estão trabalhando nas Constituições de seus Estados e, portanto, com tempo escasso para cuidar dessas eleições.

## Lyra tenta fechar acordo com o PDT

Recife — Já na qualidade de candidato a prefeito do Recife na próxima sucessão municipal, o deputado e ex-ministro da Justiça, Fernando Lyra (PMDB-PE), visitou ontem o provável candidato do PDT, deputado estadual João Coelho, mas não selaram nenhum acordo com vistas à eleição.

Desde que seu nome passou a ser cogitado para concorrer à sucessão do prefeito Jarbas Vasconcelos, Lyra já fez três visitas importantes e ganhou vários apoios expressivos. Ele esteve sucessivamente com os três maiores cabos eleitorais do PMDB: o governador Miguel Arraes, o prefeito Jarbas Vasconcelos e o ex-prefeito Pelópides Silveira. Nenhum dos três deu apoio expressivo mas admitem que ele seria um bom candidato.

## Pontos vão condicionar o apoio

Com a participação do Governador da Bahia, Waldir Pires, e do vice-governador de São Paulo, Almino Afonso, entre outros, os "históricos" do PMDB vão iniciar uma articulação para que o partido aprove uma série de pontos fundamentais relativos à política econômica, dívida externa e política salarial, para condicionar seu apoio ao governo. O deputado Fernando Gasparian (PMDB-SP), que re-

torna a Brasília após os feriados com a missão de desenvolver conversas neste sentido, explicou que esta proposta está sendo preparada para a reunião do próximo dia nove de janeiro.

Segundo Gasparian, há consenso entre os "históricos" de que o partido precisa tomar logo uma posição. Ao mesmo tempo, existe o temor de que a realização de uma convenção nacional do partido, no atual mo-

mento, atrase os trabalhos da Constituinte e provoque um "racha" geral do PMDB. Assim, acreditam que na própria reunião do dia nove, e por um consenso entre as lideranças, poderão aprovar os pontos programáticos que condicionariam o apoio do PMDB ao presidente Sarney, munindo seu presidente, Ulysses Guimarães, de uma base para negociação como governo.

## Quéricia minimiza as iniciativas do grupo

São Paulo (Sucursal) — Embora ainda não tenha conversado com o presidente nacional do PMDB, Ulysses Guimarães — que nos feriados de Natal tentou se comunicar com ele de Nova Iorque —, o governador Orestes Quéricia já vem trabalhando no sentido de minimizar as ações dos peemedebistas "históricos" que na reunião do próximo dia 9, em Brasília, pretendem convocar uma convenção nacional extraordinária do partido. Ontem, Quéricia disse ignorar o encontro que os senadores José Richa, Mário Covas e Fernando Henrique realizavam com seu colega Moreira Franco, no Rio de Janeiro.

Com desdém afirmou não ter nada contra os "históricos": "O PMDB sempre teve muitos segmentos dentro do partido e não vejo mal em um grupo se reunir para levantar as suas observações. Acho, entretanto, que não temos que fazer um movimento muito grande em favor da unidade do partido, que está devendo à Nação uma Constituição, que era para ser votada em 15 de novembro e não foi porque não houve entendimento para tanto". Em seu desabafo indignado

com os atrasos nos trabalhos da Constituinte, Quéricia não quis culpar diretamente nem o Centrão, nem os "históricos".

O governador está sendo cauteloso ao adiar a sua decisão de participar da reunião do grupo dos "históricos", desde que foi convidado pelo ex-governador Franco Montoro, para depois da chegada de Ulysses Guimarães: "vou analisar com o presidente do PMDB, aquilo que for do interesse do meu partido, vou fazê-lo".

Para aprofundar os laços com Quéricia, que já é seu aliado, Ulysses telefonou na véspera de Natal para o Palácio dos Bandeirantes. Não encontrou Quéricia que viajou para o interior do estado, mas deixou o recado que voltará a ligar para conversarem sobre os avanços das articulações dos "históricos". Diante disso, o governador ponderou: "tenho muito receio dessas reuniões de um segmento do partido. Até por ser governador do estado, o ideal para mim é ir em reuniões do partido".

A forma de minimizar a ação dos "históricos" utilizada por Quéricia tem sido de exaltar a sua preocupação com a indefinição na

Constituinte. Esse foi o tema de seu programa matutino de rádio gravado anteriormente à tarde e transmitido ontem. "O que está acontecendo em Brasília nunca aconteceu na história do Brasil. Sempre os políticos se entenderam pelo menos para o Regimento Interno. É um absurdo que o Congresso Constituinte não se entenda" — reclamou o governador, acrescentando que esse impasse está prejudicando muito o País.

Da mesma forma, Quéricia não vê benefício na realização de uma convenção extraordinária do partido. "Vou lá com muito prazer. Mas é um dia de reunião em que o pessoal vai lá jogar para a plateia. Nós já fizemos uma convenção para decidir que a Constituinte é que deve decidir. Então não vamos fazer uma convenção para reabrir uma questão que já foi encerrada. O que é preciso é que as lideranças de responsabilidade nesse partido compreendam ser necessário que haja um entendimento entre as lideranças. Nós temos que votar a Constituição, e isso é a responsabilidade dos constituintes".

## Ari Cunha

VISTO, LIDO E OUVIDO

### Nasce o Cota Mil

O Clube Cota Mil tem seu nome retirado da cota máxima do lago, que fica a mil metros acima do nível do mar. Mas sua origem não é tão náutica, como parece. Na verdade, ele é um desmembramento do Clube de Cinema, de um grupo de pioneiros que se reunia no Brasília Palace, e ocupava no segundo andar a "Sala do Aldo", que o maitre com esse nome preparara para as primeiras exhibições de cinema.

Eram Talita de Abreu, Teodoro Bayma, Scarpa, Fausto Favale, Mario Meireles e mais alguns. Dessas reuniões surgiu a idéia de se formar um clube, que depois se transferiu para sua sede no Lago.

A princípio, era uma pequena casa de madeira, que, como a subida do Lago, ficou dentro d'água. Depois, um movimento do Bayma, Talita e Scarpa, fez o clube crescer e nascer a sede definitiva, que ainda hoje tem apenas um terço construído, com projeto de Sérgio Bernardes, que ele hoje abomina, em virtude das decisões de alteração que surgiram da trinca dirigente.

E foi o próprio Sérgio Bernardes quem um dia, com raiva, discutindo com Scarpa, Bayma e Talita, meteu a mão na mesa e disse que não trabalhava mais naquele projeto.

— Isto aqui, disse — não é Cota Mil. É Cota Três!

### Passarinho teme a radicalização em 88

O presidente do PDS, senador Jarbas Passarinho, previu que as dificuldades econômicas que o País enfrentará no próximo ano — inflação elevada e estagnação da economia — levarão a um quadro de radicalização política, que será o componente principal da campanha para eleição direta do próximo presidente da República.

Passarinho acredita que, com a redução do crescimento econômico e a escalada da inflação, haverá terreno fértil para os que se utilizam do discurso radical e demagógico. Não quis dar nomes, mas concluiu que este tipo de político terá maiores chances de sucesso na disputa presidencial do que uma figura identificada com o centro-direita.

Passarinho acha que a pressão pela realização de eleição presidencial em



Passarinho 1988 será insustentável, e disse que o PDS deverá concorrer. Considera Paulo Maluf como o "candidato natural" do partido, pela popularidade apontada nas pesquisas e pela base em São Paulo, que lhe garantiria uns três milhões de votos.

### Militar não perdeu poder, diz Prestes

Rio — Os militares não estão eclipsados pela democracia e muito menos relegados a segundo plano pela Nova República. Na opinião do ex-senador e ex-secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro, Luis Carlos Prestes, eles continuam dominando politicamente o País, agora através da Assembleia Nacional Constituinte. No programa "Encontro com a Imprensa", da Rádio Jornal do Brasil, Prestes disse ontem que não acredita em golpe das Forças Armadas, pois, segundo ele, "os militares são senhores absolutos: são os que mais pedem e os que mais gastam".

Essa tutela do estado para com as Forças Armadas é, segundo o ex-senador, acintosa para a economia do País. O líder comunista contesta o pedido feito pelo Ministério do Exército, de 300 milhões de dólares, para a compra de armamentos. Diz ele que "isso é brincar de soldado, pois não há inimigos para brigar, nem soldados para defender".

Além dos militares, Prestes afirma que a Assembleia Constituinte está comprometida com os que financiaram as campanhas dos candidatos. Empresários banqueiros e lideranças já têm suas reivindicações garantidas pelos constituintes, que de

acordo com o ex-secretário do PCB, "nada mais fazem do que prorrogar e transformar a nova Carta numa colcha de retalhos enganosa". Para ele, a proposta da Constituinte não é a de que ocorram grandes mudanças no cenário político e legislativo.

Sem candidato à vista para presidente, Luis Carlos Prestes optou por estudar mais a situação econômica do País, antes de escolher nomes. Ele não se mostra otimista quanto às eleições presidenciais em 1988. "Nem sei se elas acontecerão, nem quando serão", disse.

Na questão sobre o tratamento da dívida externa, o ex-dirigente do Partido Comunista Brasileiro é incisivo: nenhum país da América Latina pode pagar a dívida externa. "Isso implica em sacrifício e recessão, os algozes do trabalhador. Um credor jamais enforcou um país devedor, pois sempre tem ilusão de que vai receber o pagamento". Prestes acha fundamental que essa montaria seja feita com apoio integral de todos os segmentos da sociedade. Para obtê-lo, é necessário um grande e coeso processo de conscientização. É necessário, diz ele, o maior esclarecimento e participação dos sindicatos.

### PM fará segurança com jogo de cintura

Os oficiais da Polícia Militar que deverão comandar a companhia responsável pelo policiamento da parte externa do Congresso Nacional estiveram reunidos ontem com o diretor de segurança da Câmara, Fernando Paulucci, de quem receberam as plantas das áreas adjacentes ao prédio. A partir de um estudo dessas plantas, a PM definirá os postos e distribuirá seu efetivo — aproximadamente 80 homens, entre oficiais, sargentos, cabos e soldados.

— Tenho que explicar que a área é muito delicada. Não podemos trazer um policial com aquela mentalidade de prender. Temos que ter cuidado para que não se excedam no momento de agir. Nosso problema maior é o jogo de cintura e a flexibilidade.

Apesar desta preocupação, Paulucci ficou tranquilizado com a informação da PM de que a tropa que cuidará da área externa do Congresso "é de elite", que os soldados contam com mais de oito anos de serviço e têm "folha limpa".

A participação da PM na segurança do Congresso foi formalizada em convênio entre o governo do Distrito

Federal e a Assembleia Nacional Constituinte. Ela vai permitir a Paulucci aumentar seu efetivo na parte interna do prédio. O diretor da segurança calcula que, com a colaboração da PM e a decisão do Senado de colocar à disposição da Constituinte 50 agentes de segurança, estarão atuando internamente cerca de 200 homens.

— A situação vai melhorar — diz o diretor. Há mais de um ano estou preocupado com a segurança da Constituinte. O movimento aqui quadruplicou e hoje circulam diariamente 20 mil pessoas, entre parlamentares, funcionários, jornalistas e visitantes, em 130 mil metros quadrados de área construída.

Segundo Paulucci, a maioria dos PMs ficará desarmada, e apenas os supervisores e os policiais que responderão pelos "pontos críticos" — estabelecimentos onde ocorrerem roubos de veículos — portais armados. No encontro de ontem com os oficiais, ficou acertado que os PMs serão alojados numa área destinada ao Corpo da Guarda, e parcialmente já ocupada pelo grupamento do Corpo de Bombeiros.